2.ª SERIE. TOMO IV.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 24. QUINTA FEIRA, 22 DE JANEIRO DE 1852. 11. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

ESTRUMES PELO METHODO INGLEZ.

A simplicidade, que é o caracter dominante da agricultura ingleza, estende-se até á preparação dos adubos das terras, e dos methodos de os empregar. Como fica pelos pastos na maior parte do anno o gado, especialmente o miudo, deposita seus excrementos no mesmo terreno que estes devem fertilisar. O cultivador inglez attribue a este modo de estrumar effeitos especiaes, differentes dos que produz o esterco de corral. Mas suppoem, como condição, que é na plenitude de sua fertilidade que o terreno se cobre de herva; porque applicam á herva de prado este grande principio: — que o estrume obra tanto mais energicamente quanto mais fertil é o terreno.

Admittindo que o estrume, sobretudo do gado vaccum, perde uma parte da sua efficacia pela desecação, affirmam que o esterco, deposto immediatamente sobre o prado, aproveita muito mais ás colheitas futuras: e apoiam a sua opinião nas seguintes considerações.

O esterco de corral, quando se conserva por muito tempo nos pateos, e em grande massa, aquece, entra em fermentação, e perde mais do que os excrementos cahidos pelos pastos.

As exhalações animaes e o calor que se communica ao terreno quando as rezes se deitam, tem uma influencia favoravel na vegetação; e as ourinas do gado, que são tão uteis pelo ammoniaco que contém, são logo absorvidas pela terra antes que sejam privadas de porção alguma de suas substancias azotadas.

Obtem-se assim, da maneira mais natural, mais simples, mais economica, o que se procura quando, por exemplo, se espalha boas terra nos corraes para se embeber nas ourinas, e servir depois de envolta com os terrenos.

A herva, consummida pelo gado nos pastos em que foi creada, é muito mais nutritiva e mais saudavel, e produz melhor esterco do que as hervas mais ou menos murchas, que se lhes dá a comer nas arribanas e corraes.

Os prados artificiaes, sendo pastados, cobrem-se de uma vegetação muito mais vigorosa na epocha em que se arroteam para semear os cereaes de inverno; melhoram, portanto, o terreno muito mais do que os prados ceifados.

Para prevenir ou diminuir as perdas causadas pela desecação do estrume deposto nos pastos pelo gado grosso, usa-se de qualquer dos seguintes expedientes; ou se espalham os excrementos com um encinho, ou se amontoam para se misturarem com terra e fazer uma composição que é enterrada no alqueive ou primeira lavoira.

Os cultivadores inglezes citam mais em apoio da sua opinião o effeito fertilisador mui conhecido do estacionamento temporario das ovelhas, tanto nos prados artificiaes como em os naturaes, principalmente nestes ultimos. Em quanto são pastados permanecem em pleno vigor, e cortando-os excepcionalmente, obtem-se uma colheita, pelo menos tão abundante, como a que procede dos prados estrumados com esterco de corraes. Mas quando se continua a ceifal-os, assentam os mesmos cultivadores que é necessario restituir-lhes a totalidade do estrume creado pelo seu producto em feno, para os manter no mesmo grão de fertilidade que pelo methodo do pascigo.

Accresce que é mui util a muitas qualidades de terrenos serem convertidos em pastos; que a producção dos estrumes sobre o local diminue consideravelmente a precisão de palha para cama do gado, e permitte economisar o transporte desta para as arribanas, e o do estrume para os campos, o que simplifica grandemente o trabalho rural.

Os citados cultivadores não consideram o excedente do estrume produzido pela estabulação permanente (excedente que assim mesmo não admittem como constante) como uma compensação sufficiente para o acrescimo de despeza que ella exige, do mesmo modo que o sacrificio, que della deriva, das vantagens que tira de um bom systema de pastoreio a creação dos gados.

Quanto ao estrume das arribanas e dos pateos, produzido sobretudo no inverno, eis-aqui como é tratado:

O pateo destinado ao gado é cercado de corraes, de estrebarias, ou simplesmente de telheiros; concavo para o centro, todo elle serve de estrumeira, excepto as carreiras lateraes.

Quando o estrume de uma estação foi levado para os campos, espalha-se no pateo terra, e lama extrahida das ruas e estradas, restos de vegetaes improprios para outro uso, turfa, aonde a ha, em summa tudo o que se póde transformar em estrume, e ajunta-se-lhe a porção de palha ou moinha de que se póde dispôr.

O gado, de inverno, é conservado nos corraes, ou nos telheiros, e mesmo em o pateo: ahi passea e deita-se sobre o estrume, d'onde resulta economisar-se palha ou feno para cama: o esterco dos corraes é igualmente espalhado sobre aquella accumulação de residuos; e assim é tudo patinhado e amalgamado pela criação; ahi é curtido e se transforma promptamente n'um composto crasso e sufficientemente humido.

Comtudo, o cultivador não tem sempre a quantidade de estrumes de que carece no momento em que ha de empregal-os; por outra parte a cova da estrumeira enche-se ás vezes antes dessa epocha; e não lhe convém transportar o esterco para os campos senão em a primavera ou no outono para as suas plantações: deve, pois, tratar de conserval-o com a menor perda possivel.

Por esta occasião, cumpre observar que, não deixando de fazer justiça aos trabalhos dos sabios e dos agronomos que estudam esta grande questão e se occupam de determinar o estado em que o estrume deve ser applicado da maneira mais proveitosa ao terreno, o cultivador pensa com rasão que as regras que se estabelecem a este respeito não se pódem executar sempre na pratica; que isso depende muito das circumstancias, e apezar de todos os principios é mister empregar o estrume no estado em que se acha quando ha precisão delle. Além de que, preferem, em geral, ao estrume recente o que está meio decomposto por uma lenta fermentação, sem muito desenvolvimento de calor, e tem chegado a um gráu de desaggregaçao e humidade em que se possa ainda vêr a fevera da palha. É com effeito o estado mais favoravel para as hervas e os nabos turnepos, culturas a que se dão muito os cultores inglezes.

Portanto, quando o logar destinado aos estrumes está cheio, fazem-se montes no mesmo pateo; e se tem de esperar alli muito tempo, mistura-se-lhe terra, e meche-se de tempo a tempo, ou carrea-se com antecipação para os campos em que ha de servir. Nestes casos, preserva-se da secca e retarda-se a decomposição misturando alternativamente camadas de terra e de estrume e cobrindo-o de terra; e da-se-lhe varias vezes volta de baixo para cima. A terra é tomada do mesmo campo onde o depositam, ou se leva terriço ou humus vegetal; ás vezes combina-se com uma preparação de marne; porém, tudo isto depende das circumstancias especíaes da granja. Mais raro ainda se lhe ajunta cal viva: neste caso, alternam-se as camadas de estrume com as camadas de terra, e a cal é posta nestas ultimas de modo que não toque em o estrume; quando a escandecencia produzida por esta mistura tem cessado, da-se volta ao monte.

A proporção entre as quantidades de terra e de estrume que se devem misturar depende da porção que ha. Nunca se encontram misturas de terra e de cal sós e sem estrume, e sómente se fazem onde se póde dispor de uma grande quantidade de terra abundante em detritos vegetaes e animaes.

É por estes methodos simplices que os cultivadores inglezes preparam os estrumes, e sobretudo essas composições, ou digamos assim caldeações, de que tanto se tem fallado, e a respeito das quaes assentaram os escriptores dar tamanha copia de regras e de receitas aos lavradores alemães.

Ha, porém, outros methodos excepcionaes de que cumpre dar informação. Ninguem nos outros paizes faz ideia justa do incremento que tem tido em Inglaterra, ha vinte e cinco an-

nos, o methodo de adubar as terras com ossos pulverisados. Thaer, e outros auctores do seu tempo, não podiam fallar, senão de passagem, deste adubo, que só representava então como ensaio ou tentativa, na totalidade dos numerosos elementos de producção empregados pela agricultura ingleza.

(Continúa.)

CATALOGO DOS PRODUCTOS PORTUGUEZES NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL EM LONDRES.

(Concluido de pag, 268.)

1211 UMA CAIXA COM CIGARROS DE PAPEL, pezo 1 arratel e meio.

Estes 40 productos de n.° 1172 a 1211, são expostos pelo Real Contracto do Tabaco, associação que tem exclusivo do fabrico por privilegio real. A fabrica em Xabregas, Lisboa, tem por motor 2 machinas de vapor da força de 25 cavallos cada uma. Esta mesma associação fabrica exclusivamente o sabão.

Vide n.° 1158 a 1164.

1212 VELLAS DE CERA LISA. — Expositor e fabricante, Manuel Lucas de Carvalho.

Lisboa.

Vide n.° 624.

1213 VELLA DE CERA PINTADA.

1214 OBRAS DE CERA.

1215 OBRAS DE CERA.

1216 OBRAS DE CERA.

1217 OBRAS DE CERA.

1218 OBRAS DE CERA.

1219 OBRAS DE CERA.

1220 OBRAS DE CERA.

1221 OBRAS DE CERA.

Estes 9 productos de n.° 1213 a 1221, são expostos por Manuel Lucas de Carvalho.

Lisboa.

Fabrica, vide n.° 624 a 1212.

1222 FUSO DE UMA CONSTRUCÇÃO ESPECIAL. — Expositor, um particular.

Braga, Minho.

1223 UM CESTO FEITO DE MARMORE (QUEBRADO.) — Expositor, Carlos Bonnet.

Em quanto á qualidade e quantidade dos marmores em que abunda o paiz, já fica dito no seu logar competente. Serve para mostrar a perfeição a que se póde levar o trabalho em marmore.

1224 JARDINEIRA DOURADA COM PEDRA DE MARMORE DO PAIZ. — Expositor e fabricante, Ignacio Caetano.

Lisboa.

Estabelecimento de obras de marcenaria e entalhador.

Fica.

1225 ARMAS NACIONAES EM MADEIRA DE PINHO (fica) — Expositor, Arsenal Real de Marinha.

Lisboa.

Esta peça de esculptura, foi feita nas officinas do Arsenal, foi para sentir que se tivessem pintado, por que assim se mostraria melhor a perfeição da esculptura

1226 UM CAPITEL. — Expositor, Arsenal Real da Marinha.

Lisboa.

Esta peça foi tambem esculptada nas officinas do Arsenal.

1227 UM CAPITEL. — Expositor, Arsenal Real da Marinha.

Lisboa.

Vide 1226.

1228 UMA PEÇA DE ESCULPTURA, OU DE ENTALHADOR, EM MOGNO PARA ORNATO. — Expositor e fabricante, Ignacio Caetano.

Vide n.° 1224.

1229 UMA PEÇA DE ESCULPTURA, OU DE ENTALHADOR, EM MOGNO PARA ORNATO.

1230 UMA PEÇA DE ESCULPTURA, OU DE ENTALHADOR, EM MOGNO PARA ORNATO.

1231 UMA PEÇA DE ESCULPTURA, OU DE ENTALHADOR, EM MOGNO PARA ORNATO.

Estes 3 productos de n.° 1229 a 1231, são expostos pelo fabricante Ignacio Caetano.

Vide n.° 1224 a 1228.

1232 AS IMAGENS DE JESUS CHRISTO E DE S. FRANCISCO EM MADEIRA. — Expositor, J. M. Vieira: voltaram.

Braga, Minho.

Esta obra foi feita pelo proprio expositor, sem que tivesse tido a devida instrucção technica.

1233 UMA AMOSTRA DE OLEADO, com os desenhos da Villa da Praia, na Ilha Terceira, representando o ataque que teve logar no dia 11 de Agosto de 1829, entre as tropas da Rainha D. Maria II, e as de D. Miguel. — Expositor, um particular.

Porto.

1234 FIGURA DE PROMETHEO, EM MARFIM, voltou. — Expositor, J. M. Vieira.

Braga, Minho.

Vide n.° 1232.

1235 A IMAGEM DE JESUS CHRISTO, EM MARFIM, voltou. Expositor, J. M. Vieira.

Braga, Minho.

Vide n.° 1232.

1236 UMA CADEA DE MARFIM, voltou. —

Guimarães, Minho.

Obra de um curioso.

1237 UMA SECRETARIA FEITA D'EBANO, COM ENTALHE DE MARFIM.

Este movel pertence a S. M. El-rei o Sr. D. Fernando, e foi obra do artista João Paulo Nunes.

Lisboa.

1238 LITHOGRAPHIA, representando a cathedral de Guimarães. — Expositor e desenhador, J. P. Monteiro.

Lisboa.

1239 LITHOGRAPHIA, representando a feira do Campo Grande proximo a Lisboa.

1240 LITHOGRAPHIA, representando a Praça do Commercio.

1241 LITHOGRAPHIA, representando o Convento da Serra do Pilar ao sul do Doiro, junto á cidade do Porto.

1242 LITHOGRAPHIA, representando o real palacio d'Ajuda, ainda por concluir.

1243 LITHOGRAPHIA, representando a fachada da egreja de N. S. da Conceição, Velha, á Ribeira Velha, Lisboa.

1244 LITHOGRAPHIA, representando parte da villa de Cintra.

1245 LITHOGRAPHIA, representando a entrada da celebre egreja do Convento da Batalha.

1246 LITHOGRAPHIA, representando o Convento da Pena em Cintra, hoje palacio d'El-rei o Sr. D. Fernando.

1247 LITHOGRAPHIA, representando o acqueducto das aguas-livres, junto a Lisboa.

1248 LITHOGRAPHIA, representando o castello da villa de Guimarães, na provincia do Minho.

1249 LITHOGRAPHIA, representando a ponte e logar de Sacavem, proximo a Lisboa.

1250 LITHOGRAPHIA, representando o palacio real de Cintra.

Estas 12 estampas de n.º 1239 a 1250, são expostas pelo artista J. P. Monteiro, que as desenhou.

Vide n.º 1238.

1251 LITHOGRAPHIA, representando a janella da sala do capitulo do Convento de Christo, em Thomar. — Expositor, o Conde de Thomar.

Esta vista foi tirada e lithographada, pelo artista José Pedro Monteiro, por ordem do expositor.

1252 PANORAMA DA CIDADE DE LISBOA. — Expositor e desenhador. José Pedro Monteiro.

Vide n.º 1238.

1253 DESENHO FEITO Á PENA, E A TINTA DA CHINA. — Expositor e desenhador, Manuel Nunes Godinho.

Lisboa.

1254 DESENHO FEITO Á PENA, representando S. M. a Rainha, a Sr.ª D. Maria II. — Expositor e desenhador, Manuel Nunes Godinho.

1255 RENDA DE LINHO.
1256 RENDA DE LINHO.
1257 RENDA DE LINHO.
1258 RENDA DE LINHO.
1259 RENDA DE LINHO.
1260 RENDA DE LINHO.
1261 RENDA DE LINHO.
1262 RENDA DE LINHO.
1263 RENDA DE LINHO.
1264 RENDA DE LINHO.

Estas 10 amostras de rendas são do districto de Vianna, Provincia do Minho, de n.º 1255 a 1264.

1265 RENDA DE LINHO.
1266 RENDA DE LINHO.
1267 RENDA DE LINHO.
1268 RENDA DE LINHO.
1269 RENDA DE LINHO.
1270 RENDA DE LINHO.
1271 RENDA DE LINHO.
1272 RENDA DE LINHO.
1273 RENDA DE LINHO.
1274 RENDA DE LINHO.
1275 RENDA DE LINHO.
1276 RENDA DE LINHO.

Estas 12 amostras de renda de n.º 1265 a 1276, são expostas pelo fabricante Francisco Adolfo Madeira.

Peniche.

1277 RENDA DE LINHO. — Expositora e fabricante, Maria do Rosario.

Setubal.

1278 RENDA PRETA. — Expositora e fabricante, Maria Catharina.

Setubal.

1279 RENDA PRETA. — Expositora e fabricante, Anna Maria.

Setubal.

1280 RENDA DE LINHO. — Expositor e fabricante, Francisco Xavier Pinto.

Setubal.

1281 RENDA DE LINHO.
1282 RENDA DE LINHO.
1283 RENDA DE LINHO.
1284 RENDA DE LINHO.
1285 RENDA DE LINHO.
1286 RENDA DE LINHO.
1287 RENDA DE LINHO.
1288 RENDA DE LINHO.
1289 RENDA DE LINHO.
1290 RENDA DE LINHO.
1291 RENDA DE LINHO.
1292 RENDA DE LINHO.
1293 RENDA DE LINHO.

Estas 13 amostras de rendas de n.º 1281 a 1293, são do concelho de Peniche.

1294 RODA DE LEME. — Expositores, os fabricantes do Bicalho.

Porto.

1295 UMA LARANGEIRA ARTIFICIAL. — Expositor D. Vicente Russel.

Lisboa.

1296 AMOSTRAS DE MINERAES DA MINA DE CHUMBO DO BRAÇAL.

Districto d'Aveiro.

N. B. A maior parte dos objectos de que se não mencionam os nomes dos expositores, é por que foram remettidos pelos diversos governadores civis.

Lisboa, salla das sessões da commissão creada para promover a Exposição dos productos da Industria Portugueza na grande Exposição de Londres: em 7 de maio de 1851.

(Assignados). — *Barão da Luz, Conde do Farrobo, Conde do Sobral, Visconde da Carreira, Francisco Tavares d'Almeida Proença, Joaquim José da Costa de Macedo, José Ferreira Pinto Bastos, Carlos Bonnet, Francisco Mendes Cardoso Leal Junior, Sebastião José Ribeiro de Sá*, secretario.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XVI.

NEM EU, NEM TU.

(Concluido de pag. 271.)

Em quanto o pierio vate sepultava os mortos ideaes, sacrificados não pela espada, mas com a lingua, o andador das almas principiou a resta-

belecer-se do susto, e a curar-se do primeiro sobresalto da imaginação. Mais familiarisado com a casa, e bem certo de que todos os inimigos se reduziam ao paroleiro vate, tomou o pulso á sua coragem, e atreveu-se a estudar de mais perto o coração do Rodamonte do Parnaso. No meio dos rompantes que lhe saiam pela bocca fóra ás girandolas, como foguetes, o devoto começou a suspeitar que tudo aquillo eram detonações sem balla, trovão sem raios. O poeta laureado podia esconder uma boa dose de bravura negativa, e a sua physionomia insignificante era o menos bellicosa possivel.

Thomé das Chagas, em quanto elle desatava em cascatas de sediças e corcovadas imagens a torrente da sua cholera, poz-se a reflectir de vagar sobre o caso, e achou que este Ajax ridiculo, esbravejando com o florete, e talhando os ares, promettia mais uma scena de entremez do que um combate serio, a quem lhe apontasse ao peito tres a quatro palmos de ferro. Mais alliviado da sua perturbação, o servo de Christo lembrou-se de que lêra uma fabula, em que o burro, orneando dentro da pelle do leão, encheu as selvas de terror; mas denunciado pelas orelhas, ficou burro, e fugiu do mais despresivel contendor. Por isso resolveu-se a tentar fortuna, e, animado pela ferocidade theorica desta panthera de meias de seda, decidiu escapar ao *Miles gloriosus de Lisboa*, com o estratagema das comedias velhas, remedio efficaz para os valentes ficarem a pedir confissão. Feito este calculo, o illustre sacristão menor contrafez-se, sacudiu o longo e esguio corpo, escorvou as goelas para tornar a voz clara, e compondo os oculos em som de guerra, preludiou a entrada em scena por um formidavel giro de florete, que fez recuar o poeta sobresaltado mais de quatro passos. Ao mesmo tempo o milagreiro exclamava:

— «Sr. Bernardo Pires, Deus é justo! Contava assassinar o sacristão de hyssope e caldeirinha, pois saiba que antes de entrar no serviço da egreja estive ao serviço de el-rei. Quiz experimental-o; soffri com paciencia. . . mas é preciso dar-lhe uma lição. Conselho por conselho! Tome as suas precauções. Olhe que os dois ultimos castelhanos que matei, foi abrindo-lhe a cabeça até aos dentes. — Depois ajoelhando e pondo as mãos com os copos da espada entre ellas, proseguiu com devoção: — Senhor Jesus da minha alma, bem o sabeis, é em defesa propria! Tende misericordia com este homem, que vae apparecer na vossa divina presença, tão mal preparado para as terriveis contas que tem de dar diante da vossa justiça! — Acabada a deprecação, Thomé levantou-se, imitou a posição marcial, que vira em Lisboa e Evora a alguns officiaes, e gritou: — Vamos, sr. poeta! em guarda, já!»

Dizendo isto, o devoto parecia de bronze por fóra, mas estava uma abobara por dentro. Este momento era terrivel. Se o vate acceitava o cartel e cruzava a espada, Thomé tencionava metter os hombros á porta do cimiterio e escaparse. Hesitando elle, ou evadindo-se, ficava desmascarado, e pagava capital e juros do medo que lhe fizera curtir. O raciocinio, portanto, não peccava nem na fórma, nem na materia.

O poeta é que já não sabia aonde estava. Homem de pacificas inclinações, tinha ideado este lance como ideava as suas trovas, que os zoilos chamavam pêcas. O sangue mettia-lhe horror, sobre tudo o seu; uma espada nua fazia-lhe agastamento de coração. A arte de esgrima, que alardeara, era uma impostura famosa, como era outra desaforada mentira os dois golpes mortaes de Thomé nos hispanhoes, dos calcanhares dos quaes teria fugído até Aldea-Gallega. . . Em todo o caso, o poeta via de repente um Roldão diante de si, e faltava-lhe o animo para ser Oliveiros. A gente nasce, não se faz.

O plano caía, portanto, pela base. Os calculos eram admiraveis, mas peccavam n'uma bagatella; tinha esquecido ao vate prever a hypothese do andador das almas levantar a luva, e acceitar o cartel. Esta falta desconcertou pela base os bem elaborados projectos do nosso amigo. A sua idéa era simples, como todas as grandes idéas; reduzia-se a intimidar o devoto, coagindo-o a desdizer-se, e a pedir a vida; mas para isso tornava-se absolutamente necessario que o sr. Thomé tivesse medo, e o milagreiro, entalado, deixou os logares communs, e optou pela valentia. Diante da solução inaudita do problema, uma transpiração duvidosa, que elle chamava excesso de marcial ardor, borbulhou na magnanima fronte do filho de Apollo. Em logar de se pôr no recto, respondendo á espada com a espada, ainda recuou dois passos mais; baixou a ponta do florete, e de revez observou pelo canto do olho se a porta da escada lhe ficava perto. Tomadas estas precauções, virou-se para o adversario, que tinha o pierio chapeo atarantado na cabeça, e entre um sorriso mavioso e um gesto assucarado, exclamou abrindo os braços:

— «*Ave, bis terque ave!* Achei um homem·

Pelos manes de Aristoteles! O philosopho que ao meio dia o procurava á luz da lanterna, entrando aqui apagava a candeia, porque achava dois. *Cedant arma!* como diz Tullio Cicero. Façamos treguas, e conversemos. »

— « Sr. Bernardo Pires, tenho pressa; e agora não se trata de metaphoras, trata-se de brigar. Demais o tenho eu aturado... Estou cançado; aturdiu-me duas horas... vou livrar a terra de um estopador eterno, e Lisboa de um malsim de sonetos, capaz de endoidecer até os sabios da Grecia. Vamos, defenda-se! »

E o devoto, brandindo ao acaso a longa espada, descarregou-a na mesa, que servia de trincheira ao vate, e cravou nella bons dois dedos de ferro. Bernardo, mais branco do que os fabulosos bofes da camisa, que eram russos, furtou o corpo ao golpe, apesar de estar a tres distancias do seu alcance, encolheu-se por detraz da mesa, e lembrado das terriveis cutiladas cerebraes do sr. Thomé nos castelhanos, armou-se da bilha, que levantou como escudo, em quanto se retirava em desordem direito á porta, agitando o florete como um morcego agita as azas:

— « Viva Marte, deus da guerra! gritou elle. Meu bellicoso donato, modere a impaciencia, e não enrosque as serpentes da calumnia no capacete onde pousa o sabio mocho de Minerva! *Favete linguis!* Freio na lingua, e abracemo-nos. Deixe o frio Boreas tiritando, e a canicula arida abrasando... »

— « Sr. poeta, isto não é negocio de abraços. Briguemos! »

— « Oh! glorioso ardor!... sr. Thomé, a musa sauda-o! Como Reinaldo, dê-me a garupa do seu corcel, e inimigos paladinos vamos juntos banhar a alma na divina onda do Permesso, do rio da amisade... Ah! sacro Ariosto, quem te poderá, não digo exceder, senão imitar! »

— « Advirto-lhe que estou esperando; » — acudiu o devoto, fazendo-se cada vez mais forte com as evoluções oratorias do adversario. — « O desafio não é com os versos e as metaphoras, é com o sr. Bernardo Pires. Mande passear o tal *Arioste*, senão ergo o braço, e não se queixe... »

— « Tem rasão, fallarei em lingua vulgar. Eu me explico. Dizia-lhe que isto não é sangria desatada ser hoje, e já. Temos tempo. Depois reflectindo, creio que houve equivoco, ouvi mal talvez; o sr. Thomé de certo queria dizer que desejava assados de carocha e sambenito os inimigos do duque de Cadaval... »

— « Nada, não houve equivoco. Ouviu muito bem. Sustento o que disse e o que não disse. Affirmo e confirmo. »

— « Então, meu amigo, dê-se ao mundo um grande exemplo! Quebremos o alfange da Parca; enganemos a morte, que bem o merece. Retracte-se! Tenha a bondade de dizer o contrario do que disse, duas palavras *pro forma* — ou eu as digo, e o sr. Thomé ouve e cala-se; ora como *retractio non est convicium*, o que significa, que a emenda não é infamia, arranjamos o negocio, e o sangue de dois campeões não rega de purpureos veios os penetraes do tumulo... »

— « Se tem medo, sr. Bernardo, confesse-o e vá-se embora. Eu não desdigo nada, não consinto nada. Acabemos com isto. »

— « Medo!? Esse filho da noite e de uma lebre macha, acaso entrou nunca no coração de Bernardo Pires? Medo, eu, poeta laureado, adorador constante de todas as bellas, e em especial fiel captivo da maga Belisa, cujo nome profano deve ser Isabel, a estrella dos meus olhos, cuja doce alcunha é a *Coração!* Medo! Essa palavra vae derramar ondas de sangue, grosseiro sacristão. Primeiro a funda e depois a espada. Morre endurecido no erro já que despresaste a vida, Deus tenha a tua alma em gloria! »

Unindo o acto á palavra, e fechando os olhos para não vêr o sangue da victima, o poeta atirou a bilha pelos ares, abriu a porta, e com a espada na mão precipitou-se pela escada abaixo, gritando: — « A clemencia tem limites! »

No meio da estrepitosa saída, um dos degráos de fraco e podre exhalou um gemido e foi abaixo; o pé do vate desceu com elle, e o sr. Bernardo Pires achou-se preso pela perna, vendo por cumulo de desgraça em cima da cabeça a espada do andador das almas, que o perseguia denodado.

— « Renda-se! » — gritou o devoto açoitando os degraus a ferro frio, mas sempre a rasoavel distancia do inimigo. Este, apesar disso, encolhia o pescoço e piscava os olhos, cada vez que a sombra da espada innocente apparecia na parede.

— « Pare, estou rendido! » — clamou o poeta da sua gaiola, agitando os braços em signal de perigo. — « Olhe que me faz partir uma canella! »

— « Pois entregue-se! Para cá o florete » — dizia o heroico Thomé. — « Depois saberá as condições com que lhe perdôo. »

— « Não abuse da desgraça » — chorami-

gou o paladino dos acrosticos e colcheias. — « Ahi tem a maldita espada. Faça favor, ajude-me a sacar o pé de dentro desta capoeira; e dê-me esse chapeu, que tenho frio na cabeça. »

— « O chapeu está prisioneiro de guerra . . . » — gritou o sr. Thomé, recebendo as armas virgens do inimigo. — « Agora ouça. Conhece a *Coração*, a ciganita do pateo das Comedias? Não era della que fallava ha pouco? »

— « *Aime!* » — suspirou o vate estorcendo-se — « oxalá não conhecesse! Adoro-a. É a flor que perfuma a minha poesia, é a suave Egeria deste Numa. . . »

— Deixe-se de historias; e vamos ao caso. Como o trata ella? »

— « Com os rigores de um tigre hyrcano. Os seus olhos para todos de mel ferem como ballas, se olha para mim. Sou o seu fiel captivo, respiro só para a idolatrar, e aquella mão de alcorce, nunca me tocou de leve. . . Ainda hontem lhe pedi um osculo, e deu-me. . . »

— « Ah! deu-lhe um beijo. Bem! falle, diga, com mil basiliscos! »

— « Duas tremendas bofetadas, uma de cada lado, para me endireitar a cara, disse ella! . . . Ah, tyranna Belisa, as setas de teus lindos olhos. . . »

— « Deixe as setas, e sentido com as navalhas! » — acudiu o milagreiro, soltando a risadinha falsa do costume. Não se meta pelo Egypto, sr. Bernardo, olhe que póde ir por seu pé, e voltar ás costas de outrem.

— « Então corre-se perigo? » — exclamou o vate sobresaltado.

— « Cá e lá más fadas ha! É o que lhe digo. Ora bem. Saiba que sou seu rival segundo a carne. Ando convertendo a *Coração*, porque era pena corpo tão gentil perder a alma. . . Graças a Deus ella ouve-me. Não creio nos meus merecimentos, só creio no poder de Jesus Christo, nosso redemptor. . . É uma inclinação honesta, em honra da egreja; portanto, sr. Bernardo, ou v. mercê jura de não tornar a desinquietar a *Coração*, ou eu deixo cair a espada como fiz aos hispanhoes, e enterro-o debaixo destes degraus. Promette? . . . »

— « Tire-me a vida, mas deixe-me a escura noite dos meus cuidados. »

— « Muito bem, será satisfeito. Rese o acto de contrição.

— « Espere, espere! Que genio assomado! Pois ha de degolar um poeta por causa de uma figura de rethorica? »

— « Então deixe a rapariga em socego, se não quer partir para a eternidade em dois minutos. O que decide? »

— « Fico. Tenho muito que fazer no mundo. »

— « Veja bem o que diz. Promette. . . . »

— « Não prometto, reconsidero. Se ella vivo me esbofeteia, o que será depois de morto! Regale-se, e ature-a, que não leva mau castigo. Não lhe seguro os ossos a um ceitil. »

— « Isso é por conta minha e della, não lhe dê cuidado. Olhe que se o apanho em alguma emboscada. . . »

— « Eu não sou melro para andar por bosques! Abjuro o traidor Cupido, detesto a lasciva amante de Marte Rufião, e protesto viver e morrer em puro celibato. Estou curado! Preferir-me a osga torrada deste sacristão! . . . »

— « Então, visto estarmos concordes » — atalhou Thomé que não ouvira a ultima parte da jaculatoria, nada lisongeira para o seu amor proprio — « não quero demoral-o mais. Sou um seu venerador, sr. Bernardo Pires. »

— « Um momento! » — gritou o vate. — « Solte-me as asas, digo os pés, que sendo rasteiros, em estylo culto se vestem de pennas. Muito obrigado. Adeus generoso inimigo; se quizer uma decima para o seu noivado, procure Bernardo Pires, poeta laureado, morador em casa do duque de Cadaval. Adeus, venturoso mortal; diga á ingrata Belisa, que até morrer adorarei os lindos pés, que são zephyros na dança, e as castanholas, que dão mate ao coração. »

— « Olhe a sua càpa, sr. poeta. Ahi vae. Até mais vêr. »

E Thomé das Chagas, descobrindo em si uma qualidade nova, o valor, depois de viver trinta annos antes de a achar, atirou de cima da escada a desbotada capa ao infeliz rival. Este que morria por estar a cem leguas do theatro da sua vergonha, fez-lhe uma ultima cortezia, levando a mão á altura, onde devia estar a aba do chapeu aprisionado, e saíu. Já fóra da porta levantou os braços ao ceu e exclamou:

— « Vou tosquiado! Perdi um florete, um chapeu, e uma rapariga; mas levo o corpo inteiro, que é o essencial. Nada de graças! Se mato o sacristão tinha de mudar de ares, e ainda por cima ficava sem almoço, e cheio de remorsos. Quem as armou que as desarme.

Da sua parte, o andador das almas, apesar da bravura, limpava o suor frio da testa, endireitava a casaca, e pegando na bandeja e no

seu nicho, saíu da casa sem olhar para traz, desceu a escada a furta-passo, e já na rua, ajoelhando beato e contricto, desafogou em um suspiro, exclamando:

— « Bemdito e louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo. Sempre escapei de boa! »

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

VILLA DE CELORICO DA BEIRA.

O Padre Luiz Duarte Villela da Silva, muito curioso das antiguidades nacionaes, de quem esta redacção adquiriu uma memoria sobre a Sé de Lisboa, que algum dia publicará, era natural de Celorico e escreveu sobre esta villa as seguintes notas.

Sobre um levantado cabeço, que confronta com a serra da Estrella, tres leguas ao poente da cidade da Guarda, está situada a Villa de Celorico na provincia da Beira. Brigo, IV rei de Hespanha, a edificou 1091 annos antes da vinda de Christo. Rodrigo Mendes Silva, e outros historiadores a contam no numero daquellas cidades, que eram sujeitas a Braga, e de que Plinio já fizera uma honrada memoria; conhecida pelo nome de Celio-Briga. Fundou-se esta povoação sobre um cerro, d'onde alguns querem tirar a etymologia de Cerro-Rico, ou de Rico-Ceo, em allusão á bondade do clima, fertilidade do terreno, e pureza de seus ares; pois é de admirar, que sendo aquellas terras frias, e destemperadas pelos continuados gelos, que as crestam, e as escaldam, seja a de Celorico a mais preservada, que é um fenomeno congelar-se alli a agua ainda no mais rigoroso inverno. Está a villa dividida em dois bairros, a quem serve de marco seu forte, e inexpugnavel castello: a entrada para o primeiro, que os naturaes intitulam o bairro do Toural, é pelo campo da Corredoira, campo vasto, e ameno, que a piedade dos moradores respeita pelas devotas ermidas, que alli estão edificadas, e esta é uma das suas formosas, e principaes entradas. O bairro do cabo da villa é o maior, e nelle estão fundadas as parochias de St.ª Maria, e de S. Martinho No limite desta ha o sitio chamado o Tablado, por ser tradição constante que nos tempos passados os cavalleiros, e gente nobre da terra levantaram um emmadeiramento, ou tablado construido por tal arte, e tal traça, que se não podia desfazer; e onde á maneira das gregas olympiadas experimentavam suas forças como ensaio para a guerra, levando festivo premio o primeiro, que cravava a lança, ou passava em claro. Esta antigualha digna de memoria mostra o exercicio brioso de seus naturaes. Tem esta povoação setecentos visinhos, e hoje se acha ornada de bons edificios e ruas bem calçadas: duas magestosas praças muito a embellezam, e aformoseam. A vista, que se descobre, ou do campo da Corredoira, ou das muralhas do castello, é a mais aprazivel, e graciosa.

Eu ouvi dizer ao conde Oeynhausen, quando no anno de 1791 foi visitar as praças daquella provincia, que tendo corrido toda a Beira, ainda não tinha descoberto um quadro tão vario, e tão encantador; e na verdade não foi encarecimento; pois quem espraia a vista para o poente, dá logo com a linda perspectiva de campos fertilissimos, valles amenos, hortas agradaveis, vastos olivaes, frondosos soutos: e não menos a faz agradavel que opulenta a grande copia de muitas vinhas, que vão confrontar com os logares do Valle de Azares, Lagiosa, Casas do Rio, não deixando porém de lamentar, que a ambição mal entendida de muitos particulares vão arruinando a maior parte do terreno, que devia ser empregado na lavoura. Em summa, contemplada a villa pelo poente parece que a natureza se extremou na fresquidão de arvoredos, na fertilidade dos campos, na amenidade dos valles, na diversidade de saborosas frutas, na copia, e arroio de crystallinas aguas, e abundancia de seus excellentes vinhos. Para o outro lado a sua vista é um pouco desagradavel, e não mostra uma face tão risonha pelos descompostos rochedos, que demandam as nuvens; porem, como o terreno é fecundo, na encosta destes montes se veem alguns olivaes, e a varzea da Lavandeira com a grande tapada, que foi da Ballé, são uns bons pedaços de terra, que tem esta povoação. Podemos dizer que por este lado banham seus muros as puras aguas do celebrado Mondego, sobre o qual atravessam duas pontes: uma é sumptuosa fabrica de el-rei D. Manuel, como se entende da inscripção em gothico, que se acha gravada junto do arco principal, e da esphera, que foi a divisa deste grande rei; e que sendo-lhe dada, quando era duque de Béja, veiu a ser o brasão da sua gloria subindo ao throno portuguez, constituindo-se pelas suas victorias e conquistas rei de muitos reis, e monarcas do Oriente. A ponte da Lavandeira foi obra de D. João V, e bem o mostra pela magnificencia da sua arquitectura, que é o sello, e o cunho das obras deste religiosissimo, e antigo soberano. Tem o rio azenhas de muito bom serviço, que abastecem de farinhas não só a villa, mas a de Trancoso, e outras povoações visinhas, no tempo do verão.

O termo de Celorico é mui dilatado, consta de trinta e tres povos, e muitos passam de duzentos visinhos. Em todas as terças feiras de cada semana se faz mercado, e é um dos maiores do reino. Tem muitas familias distinctas como Abreus, Almeidas, Macedos, Cunhas, Saraivas, Sousas; e hoje ainda existem as dos Pachecos, Sás, e Osorios. Os donatarios desta villa foram sempre as pessoas da mais alta representação, e jerarquia. El-rei D. Manuel fez mercê della a D. Diogo da Silva, primeiro conde de Portalegre; passou depois á corôa. Não podemos coroar melhor a descripção, que temos feito desta villa, do que com a relação, que della faz o m. r. p. fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo no seu utilissimo, e bem trabalhado elucidario das palavras. » E pois nos achamos nesta villa, (diz este elegante, e curioso escriptor) cujas armas são em uma parte do escudo uma aguia voando sobre um castello, com uma truta agarrada nas unhas, e da outra uma lua com cinco

estrellas, alludindo não só á truta, que uma aguia deixou cahir no castello, quando el-rei D. Affonso III o tinha sitiado, (e D. Fernando Rodrigues Pacheco, natural de Ferreira de Aves o defendia, o qual a mandou de refresco ao rei, que logo fez levantar o cerco, persuadido, que os do castello tinham munições de boca, e regalo) mas tambem ao nome de Celorico, que quer dizer rico-ceo, convindo-lhe de justiça este formoso nome pela bondade de seus ares, alegria de sua vista, fertilidade, e abundancia de seus fructos, e um aggregado feliz de todas as bemaventuranças da terra, que só podem ser effeito de um ceo muito bom, benigno, temperado, e creador. E deste modo o seu nome vem a ser propria, completa e adequada definição.»

É o castello de Celorico um dos mais antigos da provincia, situado no meio da villa, e a divide entre os dois bairros, de que já tratamos. Seus fundadores o edificaram em um penhasco, e sobre viva rocha se firmou esta admiravel fabrica, e de uma tal arquitectura, que bem mostra ser obra romana. Os seus muros são altos, e bem capazes de supportarem o pezo de grossa, e reforçada artilheria; porém estes só da banda do poente se acham levantados, havendo no anno 1762 os do outro lado padecido o insulto das tropas hispanholas, que depois de renderem a praça de Almeida fizeram marcha para esta villa. Padeceu a fortaleza a maior ruina, e seria de todo desmantelada, se o esforço, que para isso fizeram, não lhe houvesse custado tempo, trabalho, e diligencia. Deixaram ainda algumas muralhas, destruindo lhe sómente suas airosas amêas, que muito a enfeitavam. Ficaram dois cubellos, e duas torres: a da homenagem é na verdade respeitavel pela sua altura, construcção, e largueza; a que fica no meio da praça está damnificada não só pela injuria do tempo, mas pela temeridade de um magistrado, que pertendeu desfazel-a pelos seus fundamentos, tentando ainda os perigosos meios de applicar-lhe minas de polvora, querendo juntamente demolir as muralhas da fortaleza, e servir-se da sua cantaria para formar edificios, que só podiam existir na imaginação. Elle levaria ávante tão indiscretos procedimentos, se os moradores desta villa não lhe obstassem; pois além deste magistrado não estar auctorisado para similhante bloqueio, nem poder arredar uma só pedra sem ordem superior, devia como homem letrado respeitar uma praça de tão veneravel antiguidade, que tinha sido o theatro do mais heroico valor, e da mais extremosa fidelidade. A praça era capaz de receber uma consideravel guarnição; e no seu interior se vê ainda o resto de muitos alojamentos, quarteis, cisternas, aqueductos, e outras commodidades para homens de guerra. Os antigos monarcas portuguezes a ampliaram, e el-rei D. Manuel mandou rasgar o muro junto á torre da homenagem, e formar um longo, e estendido passadiço para o paço, que ainda se intitula o Paço d'El-rei; obra custosa e digna de um tal monarca, mas inferior á perfeição, e segurança, com que está construida a antiga fortaleza. Se esta praça estivesse guarnecida, e fortificada conforme a tactica militar deste seculo, pagaria bem caro aos inimigos, que ousassem accommettel-a. Foram seus fundadores os capitães Nigro, Servio, e Junio, e a dedicaram a Augusto Cesar, o que se colhe da inscripção, que se achou no anno de 1635, e quer dizer: — sendo imperador dos romanos Augusto Cesar, povos de Castella, chamados Vazêos, com os capitães Nigro, Servio, e Junio edificaram este castello em nome do imperador, e o mestre que o fez, se chamava Rutilio Varo: os capitães Junio, e Nigro o dedicaram ao imperador.

VENEZA E AMSTERDAM.

Grande analogia tem estas duas cidades igualmente celebres por sua importancia, riqueza, e memorias historicas; situadas ambas na parte mais interior de um golpho, uma no Mediterraneo, outra no Mar do Norte, capitaes durante muito tempo de duas republicas prosperas e temidas, famosas por suas emprezas e suas façanhas guerreiras, enriquecidas pelo commercio, illustradas emfim pelo gosto e cultura das artes. Porém, se conformidades singulares tornam mui parecidas estas duas cidades, por outra parte differençam-se por numerosas dessemelhanças. O clima, o aspecto geral do paiz, os usos e costumes, o passado e porvir de ambos os povos marcam differenças tão extraordinarias entre as mesmas que merecem ser consideradas detidamente.

Alguns viajantes, acabando de visitar Veneza, teriam tido o pensamento de trasladar-se immediatamente a Amsterdam, afim de fazer esta comparação; porém, o espaço de 400 ou 500 leguas os teria impedido de satisfazer seu capricho, advertindo que para vencer tal distancia eram precisos 20 dias de enfadonha viagem. — Agora bastam alguns para sem grande incommodo passar das praias do Adriatico ás do Mar do Norte; e por nenhum pretexto póde renunciar-se a tão curiosa viagem, pois que nem as despezas são excessivas.

Não se apresenta hoje Veneza, como em outro tempo, difficil de comprehender-se em uma carta itineraria da Italia: a sua posição deixou de ser excentrica. Já não é aquella ilha especial, sem arvoredos, sem passeios, aquella cidade silenciosa com sua fortaleza e formidavel baluarte sobranceiro ao mar e praias circumvisinhas. Hoje entram e sahem os viajantes em caminhos de ferro, e pasmam de que Veneza parece ter por seus arrabaldes Padua, Vicenza, e Verona. O elegante aqueducto que atravessa a laguna é o principio de um caminho de ferro que em breve ha de prolongar-se até Milão; e então com uma carreira de vapores, estabelecida no Lago Maior ou no de Como, se verá unida a capital da Lombardia com os Alpes helveticos, donde pelo S. Gothard póde chegar-se n'um dia ao lago dos Quatro Cantões. Aqui acha-se o vapôr de Altorf para Lucerna em correspondencia com uma carreira por terra de Lucerna a Basilea, e que está ligada com o caminho de ferro de Basilea a Strasburgo. De Kehl pelo caminho de ferro do lado direito póde n'um dia alcançar-se até os vapôres do Rheno que vão desde Moguncia ou de Colonia até Arnheim, sentinella avançada da Hollanda, e que dista sómente vinte leguas de caminho de ferro de Amsterdam.

A origem desta ultima teve seus pontos de contacto com o de Veneza. Varios pescadores fixam a

sua residencia em ribeiras despovoadas, separadas do continente por ilhotas, que se haviam formado proximo á foz de um rio: em época posterior ahi buscam guarida algumas famillas fugindo á guerra e oppressão, e lançam os cimentos de uma cidade modesta. A actividade, o valor de seus habitantes, a segurança que lhes proporciona a sua posição topographica, não contribuiram pouco para dar importancia á cidade que se enriqueceu com a navegação e o commercio, que se fez respeitar por armas, e que além de apresentar-se opulenta e forte não se descuidou do luxo e das artes.

Todas estas circumstancias são communs á historia de Amsterdam e de Veneza: a origem desta é do seculo 5.° da nossa era, e depois de atravessar toda a idade media faz alto ao despontarem os primeiros dias da renascença. No seculo 12.° encontramos a origem da outra, e desde então até os nossos dias não deixou de prosperar e desenvolver-se cada vez mais. Amsterdam era apenas uma pequena povoação quando Veneza chegava ao fastigio da sua gloria e poderio: e a cidade hollandeza esteve no apogeu de sua riqueza e força quando o astro de Veneza começava a occultar-se.

Observada Veneza das ribeiras de Fusino ou de S. Julião das Lagunas offerece um aspecto assombroso como nenhuma outra cidade: eleva-se do seio do mar uma ilha compacta de casas e outros edificios, que parece ter a base submergida como se unicamente as extremidades superiores tivessem escapado a uma inundação. Não se vê o solo em que se firmam as construcções; não ha arvores que as animem e resguardem; e os mastros dos navios se confundem de longe com as cupulas e corucheus. Á medida que o observador se approxima vão-se distinguindo melhor os edificios; os campanarios, os mastros parecem baixar gradualmente.

Entra-se a cidade pela parte menos interessante, atravez dos canaes que a cruzam em todas as direcções; toma-se terra sem comprehender bem a plaga extraordinaria onde se desembarca.

Da torre de S. Marcos não é menos extraordinario o aspecto: deleita-se a vista no centro da população, donde se elevam numerosas cupulas e torreões elegantes, palacios e edificios notaveis pelo caracter de sua architectura, espelhando-se nas aguas que cercam a cidade por todas as partes, não como um mar, mas como um grande lago.

Muitos ilheus, proximos uns dos outros, formando admiraveis grupos, parece servirem de cortejo á metropole; e o Lido que a separa da enseada do lado do norte mostra a pouca distancia a frescura do seu viçoso curso. Divisam-se mais remotas as costas orientaes da Italia, a prolongada linha do golpho adriatico dominada pelos Alpes tyrolezes, a multidão de barcos, e gondolas graciosas que sulcam a superficie das lagunas; e animado este quadro pelo sol radiante e formoso offerece um espectaculo dos mais agradaveis e maravilhosos.

Amsterdam, ainda mesmo achando-nos proximos das praias meridionaes do golpho, não apresenta o aspecto ordinario de um porto maritimo, mas o de um vasto molhe e de uma cidade magestosa. O numero de embarcações que enche as caldeiras desse molhe, o movimento e actividade que reinam por sua immensa praia, dão logo a conhecer que é um dos centros do commercio europeu. Nada tão singular e estranho como a grande extensão de todas as linhas que descobre a vista, e a uniformidade do horisonte. Os edificios são acompanhados de arvores; e o amplo porto é accessivel a navios de todo o porte. Os rios que desembocam no Zuyderée e no mar do Norte, remechem continuamente o fundo movediço; ao passo que em Veneza levantam o fundo das lagunas as aluviões que arrojam para o Adriatico o Pó, o Brenta, e o Adige. A primeira circumstancia faz com que o homem lute constantemente contra uma causa tão imminente de destruição; a segunda obriga-o a tomar cada dia precauções para tornar mais facil a navegação.

Da torre do palacio de Amsterdam avista-se uma cidade grande, populosa, e activa. Os monumentos publicos não prendem a attenção pelo seu numero, porém, distinguem-se geralmente os edificios particulares pelo seu aspecto de pulchra elegancia. O movimento e a animação que reinam por toda a parte annunciam a riqueza e bem estar de seus habitantes: completam o quadro ameno da cidade os muitos campanarios, arvoredos, canaes, e moinhos de vento, sem que nenhuma coisa interrompa a monotonia que produz a vista do horisonte.

Edificadas Amsterdam e Veneza sobre um terreno movediço e fragil, assemelham-se igualmente pela multidão de ilhotes ligados por um sem numero de pontes. — A cidade hollandeza, dividida quasi em duas partes pelo rio Amstel, representa um semicirculo ou meia lua, do qual surgem varios canaes em fórma de zonas concentricas: estas zonas são cortadas por outros canaes, que á semelhança de raios de circulo se dirigem ás ribeiras do golpho, isto é, ao porto que é o ponto central. A estes canaes servem de limite caes onde ostentam alguns edificios uma archictetura, geralmente singela, porém elegante. — Veneza acha-se igualmente dividida em duas partes pelo grande canal que serpenteia com duas amplas margens orladas de casaria magnifica e de palacios. Tambem divide a cidade um sem numero de pequenos canaes que banham os alicerces dos edificios, cujos degraus de boa cantaria interrompem a cada passo o curso na estreita praia que os encerra. — Em Amsterdam servem para passear os largos caes, plantados de arvores, não faltando passeios especiaes para as carroagens.

No estilo geral da architectura se differençam tambem ambas as cidades de um modo notavel. Em Veneza predomina essencialmente o gosto mourisco oriental; o aspecto exterior das casas revela por sua grandiosidade a magnificencia das habitações internas; e em qualquer parte se encontram monumentos historicos, recordações de gloria e poderio. Na Hollanda manifesta-se o gosto hespanhol, e differençando-se de Veneza pelos raros edificios publicos, nenhum palacio particular, nenhum vestigio de antiguidades nacionaes ha, porque Amsterdam é uma das cidades mais modernas da Hollanda, e suas casas, modestas todas na parte externa e commodas no interior, não foram feitas para inculcar luxo; irmanam a simplicidade com a elegancia.

Os unicos edificios de ambas as cidades que poderiam admittir alguma comparação são o palacio do

rei, antiga casa municipal de Amsterdam, e o dos doges em Veneza.

Em ambas se consideram como os mais notaveis monumentos: em diversas epochas foram mansão de governos temidos, e nelles se tramaram revoluções que fizeram estremecer as potencias mais poderosas do mundo. — A construcção do palacio dos doges remonta ao seculo XIV, á época em que Marino Faliero perdeu a vida no edificio que havia construido: a sua fórma magestosa recorda á primeira vista as scenas terriveis de que foi theatro e o poder absoluto que o occupou por tanto tempo. — Edificado o palacio de Amsterdam no seculo XVII, segundo o estilo grego mais puro, e de architectura nobre e elegante, só por si basta para comprovar a opulencia da cidade e o bom gosto de seus magistrados populares. — Ambos contem em seu recinto os thesouros da povoação, as obras primas dos artistas, e as cadeias dos criminosos, observando-se a alguns passos de distancia o mais esplendido de seus monumentos religiosos.

Entre as differenças mais notaveis das duas cidades devem marcar-se a sua atmosphera e clima. Em Hollanda apenas se veem serenos quarenta dias no anno; em Veneza é muito menor o numero de dias de máu tempo, apesar das muitas tempestades que se formam, acalmam, e desapparecem no decurso de um mesmo dia. Nesta brilha o sol com toda a sua força e encanto; e naquella uma atmosphera nebulosa e sombria lhe impede transmittir o esplendor com liberdade. Não é difficil comprehender que neste caso deve a influencia do clima produzir gostos distinctos e costumes pouco analogos. — O caracter hollandez, diametralmente opposto ao veneziano, é socegado, paciente, dotado de uma actividade perseverante e silenciosa, frio mas sincero, reservado mas fiel sempre á sua palavra e juramento. O segundo é pelo contrario caprichoso, indolente e atrevido. As diversões, ou recreios, dominantes em Amsterdam são as que proporcionam a familia e o lar domestico; agradalhes muito a musica, porém são pouco affeiçoados aos divertimentos publicos. O povo passa os dias festivos melhor no campo do que na taberna, onde de ordinario commette mui poucos excessos. Em Veneza, pelo contrario, buscam e anhelam diversões publicas animadas e ruidosas; tanto que póde dizer-se que não lhe bastam sete theatros para uma população de cem mil almas, ao passo que Amsterdam sómente sustenta tres tendo uma população duas vezes mais numerosa.

Os hollandezes são affeiçoados ás flores, aos jardins e em geral aos vegetaes. Em Veneza ha só um passeio publico, onde a arte se collocou superior á natureza, e quasi sempre está deserto. — Os venezianos são pouco amigos de fazer exercicio, quando em Amsterdam acha-se a todas as horas grande circulação nas ruas, nos caes, nas alamedas, no porto. Assim como em Veneza não se encontra mais do que uma carroagem, assim em Amsterdam não ha mais que uma gondola. Mas, que differença entre essas formosas embarcações venezianas, essas gondolas esbeltas e elegantes que sulcam ligeiramente o Adriatico, e os insipidos barcos chatos, puchados a cavallos ou porhomens que se usam na Hollanda!

Vamos agora a outro campo em que tambem se bresahem hollandezes e venezianos. Sabido é que a Hollanda tem partilhado até certo tempo com a Italia as glorias da pintura. Sem embargo disso, ainda se encontram grandes differenças. A pintura dos hollandezes distingue-se por um vivo sentimento no colorido, como se quizessem trasladar para a tela o que lhes negava a natureza do seu territorio; ao passo que a eschóla veneziana fazia menos caso daquelle para dar mais importancia á fórma. Assumptos religiosos, scenas da vida privada, paizagens, flores, animaes, retratos, são o thema valido da eschóla hollandeza, e nelle póde rivalisar com qualquer das muitas que tem disputado a palma da pintura. — Não foi tão feliz na esculptura. Os monumentos e praças publicas resentem-se da falta de estatuas e baixos relevos que tão numerosos são nas cidades de Italia. Sómente conta Hollanda as estatuas de Erasmo em Rotterdam, de Coster em Haarlem, e de Guilherme I na Haya, com varios mausoleus de philosophos, que estão collocados em diversas egrejas. Tão pobre se appresenta neste ramo das bellas artes!

Se alargassemos o parallelo a considerações de outra classe, veriamos que Veneza deu nos tempos modernos o primeiro passo no commercio, e o primeiro exemplo de genio industrial, postoque em suas emprezas misturou sempre idéas de gloria e de supremacia nacional. Menos preoccupada a Hollanda com intenções ambiciosas, só combateu a favor da sua liberdade, da sua independencia, e do territorio que conquistára á custa de grandes sacrificios.

NOTICIAS E COMMERCIO.

Estatistica austriaca. — O governo da Austria acaba de publicar um quadro official estadistico da monarquia, comprehendendo os annos de 1846, 1847 e parte de 1848; segundo o recenseamento do primeiro destes annos a população total do imperio monta a 37.443:033 almas, isto é, perto de tres milhões mais que a de França, e mais do dobro da de Prussia. Formam parte da Confederação germanica 12.096:860 almas, isto é, uma terça parte de toda a população, sem contar os alemães da Hungria e da Transylvania etc.

Distribue-se do seguinte modo:

Hungria	11.000:000
Galitzia e Bukowina	5.105.568
Bohemia	4.347:962
Lombardia	2.560:833
Veneza	2.257:200
Moravia e Silesia	2.250:594
Transylvania	2.182:700
Austria	2.351:093
Fronteira militar	1.226:408
Styria	1.003:074
Tyrol e Voralberg	784:784
Carinthia e Carniola	859:250
Littoral	500:001
Dalmacia	410:988

O exercito consta de 492:486 homens.

São catholicas romanas 26.357:172 pessoas, e as restantes, pouco mais de onze milhões, pertencem 6.800:000 (conta redonda) á communhão grega; tres milhões e meio são protestantes da communhão de Augsburgo uns, e outros são dos que se chamam reformados entrando uns cincoenta mil unitarios e de outras seitas. Os israelitas são 729:005, residindo a maior parte na Galitzia, na Hungria e na Bohemia, montando nestes tres estados ao numero de 640:000 pessoas. Na Moravia e na Silesia é onde ha mais protestantes, passando de um milhão e cem mil individuos.

A monarquia austriaca abrange 143 cidades de mais de dez mil habitantes cada uma: Vienna d'Austria tem para cima de tresentos mil, e Milão cento e cincoenta mil.

Progresso da religião catholica em Inglaterra. — Contam-se na Grã-Bretanha 708 igrejas e capellas consagradas ao culto catholico, a saber: 610 na Inglaterra e paiz de Galles e 98 na Escocia: são 1:032 os ecclesiasticos desta religião, comprehendendo neste numero os bispos, sendo portanto mais 60 sacerdotes do que em 1850. Existem nas diversas dioceses de Inglaterra e de Galles 17 conventos de homens e 62 de mulheres. não os ha na Escocia.

Exercito russiano. — Concluiu-se quasi com a terminação do anno o alistamento, pelo qual em virtude de um decreto imperial de 20 de junho ultimo, que principiou a ter execução no 1.° de setembro, se recrutou um homem por mil habitantes, pertencentes ao sexo masculino, nas onze provincias que o referido *ukase* designava.

Actualmente compoem-se o exercito russo de 640:388 infantes, 101:000 cavallos, 42:908 artilheiros, e 25:225 engenheiros entrando os gastadores e outros operarios. O total ascende a 810:795 homens.

Paga de uma dedicatoria. — O papa Leão X recebeu uma obra de alchimia, cuja epistola dedicatoria lhe era dirigida. Abrindo o livro, viu que tinha por titulo « Verdadeiro processo para fazer oiro ». Immediatamente ordenou que lhe trouxessem uma bolsa vasia, e com ella brindou o alchimista, dizendo-lhe: — « Visto que sabeis o verdadeiro methodo de fazer oiro, não deve faltar-vos senão onde o guardeis. »

Forças navaes dos Estados-Unidos. — A armada do governo federal divide-se em seis esquadras, collocadas da maneira seguinte. A littoral, composta de uma fragata de vapôr, 3 corvetas e um barco de vapôr. A do Mediterraneo, que consta de uma nau e duas fragatas. A da costa d'Africa é de 3 corvetas e 2 brigues. A das costas do Brazil tem uma fragata, uma corveta, 1 brigue e 1 transporte. A do Mar Pacifico é de 2 fragatas, 6 corvetas, 1 vapôr e 2 transportes; desta estação tinha recolhido aos Estados-Unidos uma fragata, que não entra naquella conta. A da India oriental e China, constando de uma fragata de vapôr e 3 corvetas. Nos lagos interiores do norte anda o vapôr de guerra *Michigan*, que presta serviço bastante activo.

Os navios que voltaram ha pouco da expedição ao Mar Arctico em pesquiza de sir John Franklin, não são embarcações de guerra, mas sim propriedade de Mr. Henry Grinnell, que para o dicto fim generosamente os poz á disposição do tenente, De Haven, da armada norte-americana.

Marinha hespanhola de guerra no 1.° do mez corrente. — Naus 3: *Soberano* em Cadiz; e *Isabel* 2.ª e *Francisco de Assis* em construcção nos arsenaes de Cadiz e Ferrol.

Fragatas 5: — *Esperança* e *Cortez* nas Antilhas; *Perola* e *Isabel* 2.ª em Cadiz; *Bailen* em construcção no Ferrol.

Corvetas 6: — *Villa de Bilbao* nas Filippinas; *Ferrolana* na viagem de circumnavegação, actualmente no Mar Pacifico; *Luiza Fernanda* e *Mazarredo* no Rio da Prata; *Colon* e *Venus* em Cadiz.

Bergantis de primeira classe 8; ditos de segunda classe 3; bergantis goletas 2; goletas e pailebots 5; vapôres 21; urcas ou charruas 8.

Empregam-se mais no serviço de guarda-costas, seis vapôres, dois bergantins goletas, cinco goletas, tres misticos, 14 faluchos de primeira classe, 20 de segunda, dois lugres, e 63 barcos denominados trincaduras e escampavias.

Corôa real. — Annunciam os jornaes de Madrid que a rainha catholica no primeiro dia em que sahisse á missa depois de seu feliz parto estrearia uma corôa magnifica do valor de um milhão de reales. Esta riquissima alfaia estava já terminada e foi preparada pelo lapidario Navarro. As pedras que a compoem montam a cinco mil, sendo algumas notaveis pelo tamanho, brilho e formosura. Toda a corôa peza nove onças e meia, e o globo que a remata quarenta quilates.

Theatro de S. Carlos. — No domingo tivemos a primeira opera nova da presente época theatral, *Os fabricantes de moeda falsa*, musica do *maestro* Lauro Rossi.

A acceitação que esta opera tem merecido nos principaes theatros de Italia lhe assegurava igual exito entre nós. Effectivamente o publico retirou-se satisfeito. O enredo tem situações bastantemente comicas, e a musica é popular, brilhante, e abundante de bonitos e engraçados motivos. São as peças que nos parecem merecer especial menção o *duetto* de *D. Eutichio* e *Sinforosa* no 1.° acto, o *quartetto* que segue, a *canção* em estylo hespanhol do 2.°, e o *monologo*, *duetto* e *tercetto* do 3.° acto.

Quanto á execução diremos que as sr.as Arrigotti (*Annetta*), e Sannazaro (*Sinforosa*), entram perfeitamente, e nada deixam a desejar.

O Sr. Bonafós no papel de *D. Eutichio* mostrou ser um artista perfeito no seu genero, e veio confirmar entre nós a boa reputação artistica que gosa em Italia.

Os srs. Mancusi, e Guglielmini, satisfizeram, quanto delles se esperava, na pequena parte que lhes coube nesta opera.

No proximo numero occuparmo-nos-hemos mais circunstanciadamente do assumpto.